

REPETIÇÃO E VARIAÇÃO: GRAVURA COMO LEITURA DA ARQUITETURA HISTÓRICA

MARIANA ESLABÃO LEAL; KELLY WENDT

Universidade Federal de Pelotas – maryeslabao@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – kelly.wendt@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A gravura, como uma linguagem artística, carrega em sua essência a ideia de repetição. Seja por meio da reprodutibilidade técnica ou da repetição como gesto, padrão ou conceito, o processo do fazer gráfico proporciona várias possibilidades de estudo e investigação. Repetir, no contexto gráfico, não precisa, necessariamente, significar apenas copiar, é possível também deslocar, transformar, reorganizar e atribuir novos sentidos àquilo que está sendo repetido. Assim, é possível pensar-se a repetição como uma ferramenta criativa, potencializadora da construção de imagens e ideias.

Na gravura a repetição é abordada não somente como uma característica técnica inerente do procedimento, mas como um ponto de partida conceitual. Ao ser reproduzida, a obra de arte passa por uma profunda transformação em sua função. Trata-se de um processo de emancipação, no qual, segundo Benjamin (1936, p. 171), a obra se liberta “pela primeira vez na história, de sua existência parasitária, destacando-se do ritual”. É essa libertação que permite explorar a repetição não apenas como meio, mas como conceito em si. As investigações poéticas decorrentes exploraram a repetição em suas múltiplas facetas: visual, simbólica, material e afetiva. Isso resultou em trabalhos fundamentados em referências diversas, como memórias, elementos gráficos e, como no presente caso, estruturas arquitetônicas. Este resumo se debruça, portanto, sobre a exploração poética das estruturas arquitetônicas através da gravura.

O ponto de partida que gerou o trabalho “Memória Impressa” (Figura 1) foi a observação dos elementos que se repetem na paisagem arquitetônica das casas antigas da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, localizadas principalmente no bairro Porto, mas também no Centro Histórico. Nesse percurso de observação, a Catedral São Francisco de Paula se destacou como objeto de estudo, especialmente por seu estilo arquitetônico neogótico e por sua característica simétrica dos elementos da fachada. Inspirada por essa estrutura visual, a pesquisa propôs uma experimentação gráfica que explorasse a repetição não apenas na produção de múltiplos, mas também na própria composição visual da imagem gravada, estabelecendo relações com os padrões arquitetônicos e suas possibilidades de espelhamento, variação e deslocamento.

Figura 1:



LEAL, Mariana Eslabão. *Memória Impressa*, 2025. Xilogravura e linoleogravura com tinta tipográfica sobre papel Canson 200 g/m². 21 x 29,7 cm.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada partiu da escolha de um referencial arquitetônico local, conforme mencionado, a Catedral São Francisco de Paula. Foi selecionado este edifício por apresentar características simétricas bem marcantes em sua fachada, que são próprias do estilo neogótico e que reforçam visualmente a ideia de repetição e, também, de espelhamento. A observação e o estudo desses elementos serviram como base para a inspiração na construção da composição e para o desenvolvimento das decisões formais do trabalho. Assim, estabeleceu-se um paralelo direto entre a repetição modular da arquitetura e a reprodutibilidade técnica da gravura, permitindo que a própria linguagem arquitetônica informasse o processo gráfico.

Inicialmente, optou-se por representar apenas a parte central da fachada da construção, concentrando-se nos elementos estruturais mais evidentes e que favorecessem a leitura dos padrões repetitivos. Nesta etapa, foram deixados de fora componentes como portas, janelas, torres laterais e a cúpula sul, localizada na parte central posterior da catedral, o que permitiu uma síntese visual da arquitetura do edifício, favorecendo a ênfase nas formas simétricas, arcos e colunas, e na organização geométrica da composição.

Foram produzidas duas matrizes para a realização da gravura em relevo¹: a primeira, feita em compensado de virola (20 x 30 cm), equivale ao fundo da

¹ Técnica de impressão onde as partes em alto-relevo da matriz recebem a tinta e transferem a imagem para o papel.

imagem sem a presença dos elementos arquitetônicos. Nessa matriz xilográfica buscou-se valorizar a textura natural da madeira, o que evidenciou-se durante a impressão e contribuiu para uma camada visual rica, proporcionando profundidade e variação do plano de fundo. A segunda matriz, menor (16,4 x 14,8 cm), foi realizada em linóleo e contém os detalhes da parte selecionada da fachada, com traços mais definidos e precisos.

As impressões foram feitas em papéis diversos, como o Canson A4 (200 g/m²) e papéis brancos de gramatura 180 g/m², utilizando tintas tipográficas. A impressão iniciou-se com a matriz de fundo. A primeira mistura usada foi composta por tinta amarela com a adição de um pouco de branco, a fim de obter um tom mais suave, tendo em vista que as cores da impressão que viriam por cima seriam mais intensas e com valor tonal mais escuro. No entanto, o resultado final apresentou uma saturação mais intensa. Ainda assim, essa tinta foi utilizada em algumas cópias para fins experimentais. Outros fundos foram produzidos com tintas em tons mais escuros, como azul, lilás e cinza, ampliando a variação cromática e permitindo possibilidades de contrastes diferentes com a impressão da matriz superior.

Após a secagem das impressões do fundo, realizada aproximadamente por uma semana na secadora, iniciou-se a etapa de impressão da matriz com os detalhes arquitetônicos. Nesse momento, foi possível realizar o aprofundamento da proposta conceitual da repetição como elemento da composição. A matriz com os detalhes foi impressa de formas variadas: em algumas cópias, foi aplicada duas vezes lado a lado, em outras, foi girada, espelhada ou invertida, criando efeitos visuais de rebatimento, duplicação, sobreposição e distorção. Essa experimentação buscou descumprir com a repetição mecânica e exata, explorando a repetição como deslocamento e variação visual.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experimentação proposta resultou em impressões que evidenciam diferentes formas de abordar a repetição como elemento visual constituinte. As variações obtidas a partir da reorganização da matriz com os detalhes da fachada possibilitaram uma diversidade de composições que, embora partam de um mesmo elemento, geram resultados únicos por meio do rebatimento, espelhamento, inversão e sobreposição.

Ainda que a variação seja um resultado potente, é a repetição que se firma como o pilar conceitual da gravura. Mais do que a simples multiplicação de uma imagem, o ato de repetir no processo gráfico envolve um conjunto complexo de ações e conceitos. Como aponta Veneroso (2024, p. 10), a gravura lida intrinsecamente com "a reprodutibilidade, da seriação, do espelhamento, da cópia, da matriz, do contato, da pressão, da reversão, [...] da multiplicidade, da disseminação". Nesse sentido, a insistência na repetição não é um gesto mecânico, mas uma afirmação da própria natureza da gravura como linguagem, onde cada impressão, mesmo que idêntica, reforça e ressignifica a imagem original.

Essa reflexão sobre o ato de repetir vai além do campo técnico e encontra um paralelo na função social do patrimônio histórico. Repetimos e revisitamos os monumentos para lembrar de quem somos, pois a memória da cidade é fundamental para sabermos de onde viemos, qual a nossa história e qual a nossa identidade enquanto pelotenses. Ao escolher a Catedral como matriz e insistir na sua repetição, o trabalho gráfico se alinha a esse esforço coletivo de

rememoração. A gravura, portanto, atua não apenas como representação de um marco arquitetônico, mas como um agente na reiteração e preservação da memória e identidade local.

4. CONCLUSÕES

O trabalho “Memória Impressa” permitiu expandir o entendimento da repetição na gravura para além de sua função técnica da reprodutibilidade, explorando como ferramenta conceitual e compositiva. A partir da investigação de elementos arquitetônicos da cidade foi possível propor uma experimentação gráfica que articula visualidade, memória e espaço urbano.

A inovação invocada do trabalho está na forma como a repetição foi utilizada para construir variações a partir de uma mesma matriz, contrariando a ideia de cópia exata. Além disso, as possibilidades de desdobramento da obra para suportes tridimensionais e transparentes, como vidro, acrílico ou acetato, indicam para uma expansão do campo da gravura. Essa abordagem contribui para uma reflexão contemporânea sobre o lugar da gravura na arte atual e seus potenciais dialógicos com outras linguagens.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica**. Porto Alegre: L&PM, 1936.

RESENDE, R. Os Desdobramentos da Gravura Contemporânea. In: KOSSOVITCH, L.; LANDARINA, M.; RESENDE, R. (Orgs.) **Gravura: arte brasileira do século XX**. São Paulo: Cosac & Naify / Itaú Cultural, 2000.

SALLES, L. R. de. **Gravura e gráfica: reflexões**. Pós-Limiar, Campinas, v. 4, p. 1–11, 2021. Acessado em 22 jul. 2025. Online. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/pos-limiar/article/view/4974>

VENEROSO, M. C. de F. Reflexões sobre a gravura e o impresso na arte contemporânea. **R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium**, Curitiba, v.11, p. 01-25, 2024.